

“ELE MEXEU COM TODAS” – UMA ANÁLISE SEMIÓTICA TEXTUAL DAS ESTRUTURAS FUNDAMENTAIS

"HE MOVED WITH ALL" - A TEXTUAL SEMIOTIC ANALYSIS OF FUNDAMENTAL STRUCTURES

Raíne Simões Macedo*

RESUMO: A Semiótica Textual se interessa pela significação de todas as formas de linguagem, contemplando aspectos externos (social, histórico e ideológico) e internos (estruturais), por meio do fenômeno perceptivo dos semas. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar os semas que produzem a significação da reportagem *Ele mexeu com todas*, da Revista *Veja*, no nível fundamental do percurso gerativo de que dispõe a Semiótica Textual. A pesquisa teve, como aporte científico, principalmente, os textos basilares de Algirdas-Julien Greimas (1973), além de Barros (2001; 2007), dentre outros. O *corpus* escolhido é uma reportagem da Revista *Veja*, *Ele mexeu com todas*, disponível na edição 2525, ano 50, nº 15, nas páginas 74-81, publicada em 12 de abril de 2017, a qual se trata do caso de assédio à Susllem Tonani, ele capa da mesma revista. Desse modo, analisa-se o texto no nível fundamental, delimitando a categoria semântica fundamental dominação vs. liberdade, geradora da significação, transcendendo os aspectos internos e estruturais para dialogar com todo o contexto sócio-histórico que engendra o discurso. Trata-se, portanto, de um trabalho discursivo relevante científica e socialmente falando, uma vez que se aborda um assunto delicado e atual, o assédio sexual às mulheres. Analisar as bases de um discurso jornalístico e informativo como o da Revista *Veja* permite observar como práticas como essas são discursivizadas por veiculadores de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica Textual. Percurso Gerativo de Sentido. Nível Fundamental. Semas. Ideologia.

ABSTRACT: Textual Semiotics is concerned with the meaning of all forms of language, contemplating external (social, historical and ideological) and internal (structural) aspects, through the perceptual phenomenon of the semes. Thus, the objective of this research is to analyze the semes that produce the meaning of the report. He has moved with all of *Veja Magazine*, at the fundamental level of the generative course available to Textual Semiotics. The research had, as a scientific contribution, mainly the basic texts of Algirdas-Julien Greimas (1973), besides Barros (2001, 2007), among others. The corpus chosen is a report of *Veja Magazine*, *It Moved with All*, available in issue 2525, year 50, no. 15, pages 74-81, published on April 12, 2017, which is the case of harassment of Susllem Tonani, he covers the same magazine. In this way, the semiotics allowed to analyze the text at the fundamental level, delimiting the fundamental semantic category domination vs.. freedom,

* Mestranda em Estudo de Linguagens (UNEB/PPGEL/FAPESB); Especialista em Linguística e Ensino-Aprendizagem em Língua Portuguesa (UEFS); Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas (UNEB/DCHT). Contato: rainesmacedo@gmail.com

which generates signification, transcending the internal and structural aspects to dialogue with the socio-historical context that engenders the discourse.

KEYWORDS: Textual Semiotics. Generative Path of Sense. Fundamental Level. Semas. Ideolog

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É por meio da linguagem que o mundo se estrutura significativamente refletindo efeitos, influências e poder, e o homem, como parte deste mundo, se refere e se constitui como sujeito. As várias formas de linguagem, de discursos, os modos como ocorrem os fenômenos produtores de significação, dependem da multívoca percepção humana, e podem ser analisados a partir da Semiótica Textual, teoria de base fenomenológica, que se preocupa com o “parecer verdadeiro” e não com o sentido verdadeiro. Desse modo, o objetivo dessa ciência é determinar “as condições em que um objeto se torna objeto significante para o homem” (BARROS, 2001, p. 13), e, para tanto, é preciso que os objetos não sejam vistos isoladamente, mas em suas relações, ou seja, a linguagem deve deixar de ser apenas sistema de signos para ser sistema de significação.

O discurso, para a Semiótica, é um dispositivo estruturado e constituído de níveis de profundidade (fundamental, narrativo e discursivo), cada um com uma sintaxe e uma semântica próprias, que compreendem o percurso gerativo de significação. Todo discurso se relaciona com a sua exterioridade, seu contexto sócio-histórico e com um sujeito ideológico, desencadeando efeitos de sentidos. Estes são produzidos por meio de mecanismos enunciativos com o intuito de fazer parecer verdadeiro, mediante um contrato entre enunciador e enunciatário. Mas, apesar de a semiótica dispor de três níveis, por conta de tempo e de espaço, esta pesquisa se dedicará ao nível mais profundo do percurso gerativo, o nível das estruturas fundamentais da reportagem *Ele mexeu com todas*, da Revista Veja, que trata do caso do assédio sexual a atriz Susllen Tonani, ocorrido desde 2016, mas só publicizado em abril de 2017.

De modo mais específico, neste nível do percurso, serão definidas as categorias semânticas que se constituem como ponto de partida da construção do texto. Tais categorias

precisam ter algo em comum para que possam se relacionar: uma oposição, uma relação de contrariedade entre as categorias semânticas da reportagem em análise. Dessa forma, configura-se como problemática de pesquisa a seguinte questão: por quais semas a significação é produzida no nível fundamental do percurso gerativo na reportagem da Revista *Veja Ele mexeu com todas*, com o intuito de conseguir veicular o sentido esperado?

Vale dizer também que a escolha por este estudo se deu em virtude do interesse por questões sociais como os recorrentes casos de assédio moral e sexual às mulheres, e pelo motivo de se configurarem como crimes historicamente silenciados, pois as vítimas são sempre desacreditadas e culpadas pelo o ocorrido. Além disso, o que despertou este interesse foi a maneira como a mídia utiliza desses assuntos para fazer parecer verdadeira a sua posição ideológica, com o intuito de alcançar e persuadir mais leitores. Por isso, optou-se pela Semiótica Textual, pois é com o “fazer crer” que ela se preocupa e porque esta ciência possibilita apontar sentidos para além de si mesmos, delineados no espaço sociodiscursivo, por meio de uma análise interna e externa do texto. Tem-se, então, como objetivo geral: analisar os semas que produzem a significação da reportagem no nível fundamental do percurso gerativo de que dispõe a Semiótica Textual.

No que diz respeito à metodologia, esta pesquisa é de caráter bibliográfico, portanto, serão necessárias leituras e fichamentos de obras que apresentam a teoria Semiótica Textual, principalmente, as obras de Greimas (1973), de Greimas e Courtés (2012), por terem fundado a teoria, e de Barros (2001; 2007), de Fiorin (1999; 2014; 2015), de Rector (1978), por serem uns dos que mais contribuem para o desenvolvimento da teoria no Brasil.

O *corpus* deste trabalho é uma reportagem da Revista *Veja* intitulada de *Ele mexeu com todas*, disponível na edição 2525, ano 50, nº 15, nas páginas 74-81, publicada em 12 de abril de 2017, cujo conteúdo diz respeito ao caso de assédio de José Mayer à Susllem Meneguzzi Tonani, hoje, ex-figurinista da Rede Globo. Segundo a matéria, numa carta à coluna *Agora É Que São Elas*, do jornal *Folha de S. Paulo*, Su Tonani denunciou Mayer por de assédios ocorridos diversas vezes durante meses no Projac, local de trabalho de ambos, inclusive, na presença de outras mulheres. A ex-figurinista relata que o mais recente caso que a fez romper com o silêncio ocorreu em fevereiro de 2017, quando Mayer tocou sua genitália. A partir daí, após Su Tonani procurar o RH e publicar a carta, a Revista VEJA, a

mais consumida no Brasil, produziu uma matéria com o título em referência ao movimento “Mexeu com uma. Mexeu com todas”, das atrizes da Rede Globo em reação a esta ocorrência, trazendo não só o depoimento da vítima de Mayer, mas de tantas outras mulheres que viveram a mesma situação. É, portanto, a forma como a significação deste discurso é gerada que interessa a esta pesquisa.

As etapas, os procedimentos e o método desta análise discursiva compreende uma coleta de dados por meio de fontes de papel e pesquisa descritiva e explicativa, mas, ressalta-se que é preciso considerar o discurso como massa folheada, assim como a semiótica o concebe, constituído de níveis de profundidade superpostos (fundamental, narrativo e discursivo) com sintaxe e semântica próprias (GREIMAS; COURTÉS, 2012). Desse modo, no primeiro momento, será necessário revisar as fundações teórico-epistemológicas da semiótica textual, tais como o estruturalismo, a fenomenologia e a lógica aristotélica. Logo após, já no âmbito da significação, no momento da análise semiótica textual do discurso, a pesquisadora se deterá no nível fundamental do discurso da reportagem.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A BASE TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA DA SEMIÓTICA TEXTUAL

Desde a época em que o homem primitivo representava o mundo por meio de figuras, surgiam questionamentos sobre a linguagem e a maneira como o homem se relacionava com ela. Mas, de acordo com Araújo (2004), até fins do século XVIII, a linguagem era confundida com o *logos*, as ideias da mente, e por isso, não foram muitos os momentos em que a mesma foi discutida pelo viés linguístico. Somente a partir do século XIX, na virada linguística (*linguistic turn*), o pensamento filosófico ocidental se preocupou, especificamente, com o problema da linguagem. De mero instrumento do pensar para traduzir as coisas, a linguagem passa, então, a ser concebida como “estrutura articulada, independente de um sujeito ou de uma vontade individual e subjetiva, não mais submetida à função exclusiva da nomeação ou designação [...]” (ARAÚJO, 2004, p. 12).

Para melhor compreender esse processo de mudança da concepção filosófica a respeito da linguagem, é preciso começar pelo momento em que gregos e latinos discutiam uma das questões centrais: como se dava a relação entre o significado e a palavra, como a palavra tem ou faz ter sentido. Segundo Martins (2011), os povos antigos costumavam explicar, por meio de histórias místicas, o porquê das coisas serem significadas de determinada forma. Estas elucidações, baseadas no sobrenatural, antecedem aos estudos da Filosofia, a qual, de certa forma, reivindica outra explicação às coisas, em busca da verdade e afastando-se dos mitos, do imaginário e do fictício. Neste olhar mais racional sobre a linguagem, ocorre uma bifurcação radical entre os filósofos gregos, pois, de um lado havia os sofistas e de outro, os socráticos (Sócrates, Platão e Aristóteles) com concepções muito diferentes. Mas, ressalta-se que esta passagem do mítico ao racional não ocorre de forma estanque, pois, sabe-se que diferentes períodos históricos, durante muito tempo, podem existir lado a lado na sociedade (MARTINS, 2011).

No que diz respeito ao pensamento de Aristóteles [séc. IV a.C.] (2016), ele também defende a existência da verdade e de um modo de encontrá-la. Para ele, a realidade só pode ser examinada se, primeiro, examinar-se a linguagem que a expressa. Esta anda lado a lado com a racionalidade, e somente o homem enquanto animal político racional tem esta função intelectual, pois, somente o homem, como ser social, tem o conhecimento do bem e do mal, de tudo que é justo e do que não é, e somente a palavra humana, a voz articulada, tem um sentido. Para formalizar estes estudos, o filósofo, em seu *Órganon* (2016), apresenta os princípios da construção lógico-argumentativa, assim, a Lógica (denominada também de lógica formal) é uma ferramenta para o correto pensar, a perfeição do raciocínio; no que diz respeito à preocupação com o belo e os mecanismos de persuasão, a Retórica é ideal; e a Dialética, se ocupa da contra-tese, o oposto.

Posteriormente, o trabalho dos gramáticos de Port-Royal ganhou notoriedade, no momento de ascensão do Racionalismo, em que se tentava contestar o conceito de signo como representação do mundo natural (estabelecido na Antiguidade Clássica e, depois, no Renascimento, no século XVI, quando a visão antropocêntrica do mundo ganhou mais evidência), para determinar o modelo diádico (significado e significante), definição bem mais explorada por Saussure, no século XX. Antes disto, John Locke (1632-1704), principal

teórico do empirismo britânico, o qual defende que todo processo de conhecimento “nasce com a experiência e forma-se por obra das idéias” (ARAÚJO, 2004, p. 25), concede à linguagem uma natureza menos transparente e mais complexa.

Estes estudos sobre como seria uma teoria dos signos acabaram criando uma consciência semiótica que foi bem melhor explorada por Saussure, Jakobson e Peirce (1839-1914). Mas, fez-se necessário traçar este percurso, ainda que muito brevemente, para se compreender a grande virada linguística que contribuiu para a concepção de linguagem de forma mais abrangente e não apenas restritiva à nomenclatura das coisas, para conhecer com o que Saussure, no século XX, propôs romper, já que a Semiótica Textual tem como um de seus pilares teórico-epistemológicos a teoria saussuriana sobre os signos.

Semiótica, de raiz grega *semeion*, que quer dizer signo, é a ciência dos signos. Segundo Santaella (1983), o século XX viu nascerem duas grandes ciências: a Linguística, ciência da linguagem verbal, e a Semiótica, a ciência de todas as linguagens, ou seja, “sistemas sociais e históricos de representação do mundo” (SANTAELLA, 1983, p. 8). Nota-se que a preocupação desta ciência continua sendo a mesma dos povos primitivos: o homem em sua constante inquietação para compreender os fenômenos da significação, a relação entre a linguagem e a forma como ele se relaciona com a mesma para significar o mundo e significar-se.

A Linguística foi instituída ciência por Ferdinand de Saussure, filósofo suíço considerado o pai da linguística moderna, e a Semiótica, por Charles Sanders Peirce, cientista-lógico-filósofo norte-americano. Para este, o signo se constitui de uma tríade: o significante, o referente e o interpretante, portanto, “trata-se de uma composição relacional de fenômenos (referencial)” (VASCONCELOS, 2011, p. 26).

A singularidade linguística que Saussure propõe não só diz respeito à Semiologia (a teoria geral dos signos), mas à autonomia e ao método científico concedido pelo mestre à ciência. Até meados do século XIX, os estudos da linguagem sempre se subordinavam a outros como a lógica, a filosofia, a história ou a crítica literária (FIORIN, 2015). A partir do século XX, Saussure institui que a linguística devia focar apenas na observação dos fatos de linguagem a partir de um método científico que “consiste em observar e descrever os fatos a partir de determinados pressupostos teóricos formulados pela Linguística [...]” (FIORIN,

2015, p. 13). Assim, fez-se necessário diferenciar linguagem (heteróclita e multifacetada) de língua (objeto unificado e passível de classificação); língua (ato social) de fala (ato individual); e delimitar que a língua seria o objeto da linguística moderna pelo motivo de ser um “objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem [...] exterior ao indivíduo [...] distinta da fala, [...] objeto de natureza concreta [...]” (SAUSSURE, 2012, p. 46).

Apesar das muitas críticas ao modo estruturalista de tratar a língua, ainda houve os pesquisadores que ampliaram os escritos de Saussure, dentre estes se têm Louis Hjelmslev (1899-1965) e Algirdas Julien Greimas (1917-1992). Estes não reproduziram tudo quanto o mestre havia descoberto, mas desenvolveram, ampliaram, modificaram e até mesmo inovaram, e para tanto, tiveram que se apoiar nas teses de Saussure.

De acordo com Batista (2003), diante da semiologia e da semiótica, surgiu a preocupação de diferenciá-las para evitar confusão entre ambas, por isso, se estabeleceu que a primeira estudasse a significação no interior do sistema sígnico verbal, não verbal ou sincrético, e a segunda se preocupasse em estudar o signo. Hjelmslev (1975), o criador da glossemática, fez a esteira onde a Semiótica de Greimas se desenvolveu. O signo, na concepção hjelmsleviana, tem uma condição imposta: veicular significação. Além disso, tem duas faces: a forma e a substância, em contraposição ao significado e significante instituídos por Saussure. Para cada uma dessas faces, há um plano de conteúdo e um plano de expressão, os quais, mantendo uma relação de dependência, geram a função semiótica.

“Função”, neste contexto, se trata de uma “uma relação de dependência matemática: um termo só existe em relação de dependência com o outro”, e não do sentido de função, como pensariam os gramáticos. Ademais, na perspectiva de Vasconcelos (2011), o objetivo dessa ampliação conceitual é situar o valor funcional do signo no campo da significação.

Na década de 1960, Greimas defende, em sua obra inaugural *Semântica Estrutural* (1973), que a significação só decorre de uma rede de relações sígnicas, ou, concordando com Hjelmslev, a relação de dependência entre os planos de expressão e de conteúdo se chama significação, objeto de estudo da semiótica que Greimas passa a construir. Seu objetivo inicial era investigar as condições que possibilitassem o estudo da significação dos enunciados sem estabelecer uma verdade para tais, mas analisando a sua veridicção, isto é,

os efeitos de verdade desses enunciados. O que pretendia, portanto, não era estudar o conteúdo de um texto, mas a forma deste (FIORIN, 2015), uma vez que ainda não havia uma disciplina que se ocupasse disso.

A partir dos anos setenta, momento em que a Escola Semiótica de Paris, juntamente com Courtés, Pottier e seus discípulos alargavam seus estudos sobre a significação e as teses saussurianas, Greimas se baseia em tais teses para rever as noções de língua e de linguagem e romper com os limites impostos anteriormente entre a frase e o texto, o enunciado e a enunciação (OLIVEIRA; LANDOWSKI, 1995). Além disso, segundo Rector (1978, p. 26-27), a semiótica de Greimas não se constitui uma teoria dos signos (como a de Peirce), e sim da significação, pois “o signo está na estrutura superficial e somente por meio de sua estruturação chegamos à significação, que lhe é subjacente”.

Como Greimas (1973) objetivava contemplar as condições de produção e apreensão do sentido, ele remanejou, além das teses de Saussure e de Hjelmslev, as de Propp, um folclorista e etnólogo, que escreveu uma obra que contribuiu muito para os estudos estruturalistas da narrativa: *A Morfologia do Conto*. Segundo Barros (2001), Propp revelou que embora os contos apresentem histórias diversas, as regularidades da estrutura interna, a forma deles é muito parecida.

Assim, nesta perspectiva, o semioticista precisa reconstruir o texto a partir das estruturas imanentes, ou seja, as mais profundas para se chegar às estruturas aparentes da manifestação em um percurso gerativo de sentido, pois, “Em semiótica, as estruturas profundas são as estruturas mais simples que geram as estruturas mais complexas” (BARROS, 2001, p. 15).

Este percurso de análise é chamado de percurso gerativo de sentido caracterizando a análise semiótica como gerativa, sintagmática e geral (GREIMAS; COURTÉS, 2012). Sendo geral, esta análise pode se dar em diversos planos de expressão ao mesmo tempo (ou não); sintagmática, pois se atenta para a produção e interpretação do discurso e não somente das unidades lexicais; e gerativa, porque a análise é arquitetada por meio de investimentos de conteúdo progressivos, dispostos em nível simples e abstrato (fundamental), nível intermediário, das transformações (narrativo) e nível mais concreto e superficial (discursivo) (GREIMAS; COURTÉS, 2012).

São as relações entre estes níveis do sistema estruturado que produzem o sentido do texto, e o plano de conteúdo é concebido através do percurso gerativo, no qual cada nível tem dois componentes complementares na gramática semiótica: uma sintaxe e uma semântica.

No primeiro nível, o das estruturas fundamentais, de base lógico-conceitual, estão as categorias semânticas, geradoras da significação, a qual é concebida como uma oposição semântica mínima, demonstrada em um quadrado lógico-semiótico, podendo ser apontada como positiva ou eufórica e negativa ou disfórica (VASCONCELOS, 2011). Acerca do segundo nível (narrativo ou intermediário), Barros (2007, p. 16) explica que ele tem o objetivo de “descrever o espetáculo, determinar seus participantes e o papel que representam na história simulada”. Assim, o texto deve ser analisado em sua organização narrativa sob o ponto de vista de um sujeito, pois, nesse patamar, os valores deixam de ser virtuais (como no primeiro nível) para serem reais, isto é, as operações da sintaxe fundamental se transformam em valores, por meio da ação do sujeito (OLIVER, 2013). E no último nível, das estruturas discursivas, os valores narrativos assumidos pelo sujeito se convertem em discurso por meio da enunciação, constituindo-o de pessoa, de tempo e de espaço, e se desenvolvendo com tematização e figurativização.

2.2 SEMIÓTICA E FENOMENOLOGIA

A significação, segundo Greimas (1973, p. 15), só pode ser apreendida por meio da percepção humana, “o lugar não-linguístico”. Assim, uma das escolhas epistemológicas, dentre as quais já foram explicitadas, foi pela teoria da percepção de Merleau-Ponty. Muito embora a semiótica seja uma teoria estruturalista, Greimas, na arquitetura de seu projeto científico, a constrói fundamentando-a com a presença do homem no processo do fazer significativo. Dessa forma, é por meio da percepção que “[...] o mundo toma forma diante de nós, e para nós, ou seja, a diferença – que Saussure afirmava ser a única coisa presente na língua – existe porque é percebida [...]” (OLIVEIRA; LANDOWSKI, 1995, p. 29).

Greimas (1973, p. 15) deixa claro que a significação é “onipresente e multiforme ao mesmo tempo” e que o homem, “de manhã à noite e da idade pré-natal à morte, é

atormentado por significações que o solicitam por toda parte, por mensagens que o atingem a todo momento e sob todas as formas”. Fundamentada na fenomenologia, a Semiótica se preocupa com o “parecer verdadeiro”, o qual pode ser percebido mediante a linguagem em suas diversas formas, nos discursos.

Na antiguidade clássica, principalmente, ao tratar de “cópia”, percepção “falseada”, Platão [séc. V a.C.] apresenta a noção de simulacro do mundo ideal, inteligível, perfeito e original. É a partir dessa dualidade, expressa de forma mais clara em “O mito da Caverna”, (PLATÃO, 1956), que se instaura o conceito de simulacro, ou seja, a forma como o homem representa a partir de sua percepção sobre o mundo sensível. Tal forma só pode ser a linguagem (em diversas modalidades), mediadora entre o sujeito e a sua realidade.

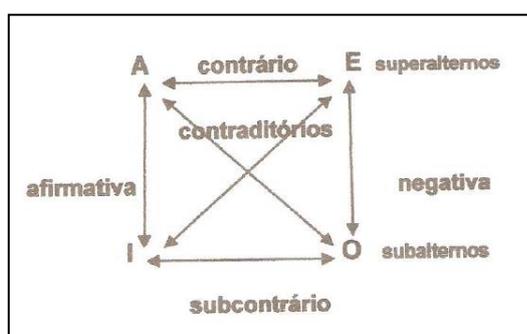
Mas, o que é perceber as coisas? É apenas vê-las e compará-las? Antes de responder a estas perguntas, convém explicitar o que é fenômeno. Derivada do grego *Phaneron*, esta palavra significa “tudo aquilo, qualquer coisa, que aparece à percepção e à mente” (SANTAELLA, 2008, p. 7), e a fenomenologia, tem o objetivo de expor métodos sobre como o fenômeno é apreendido pelo homem. Assim, perceber as coisas, o fenômeno, não se resume apenas à mera observância ou materialização de algo, mas consiste em identificá-lo com a ideia, pois o mundo só pode ser interpretado por intermédio desta e não por meio das coisas (VASCONCELOS, 2011). Perceber é anterior a ver, pois, para Merleau-Ponty (1999), esta última ação já é um pensamento.

Importa saber, agora, como se dá esta percepção. Para Merleau-Ponty (1999), ocorre por intermédio dos sentidos, traduzidos pelos pensamentos e materializados pela linguagem. Diante disso, é possível ver um pouco mais a relação entre a semiótica francesa e a fenomenologia na medida em que para Merleau-Ponty (1999, p. 14), o objetivo é “descrever a percepção do mundo como aquilo que funda para sempre a nossa idéia da verdade”, compreender o homem e sua relação com o mundo, compreender a essência do mundo a partir da percepção humana, relação que a todo instante gera significação, que é uma constante semiose por meio da linguagem. Esta noção de percepção, esta relação entre a fenomenologia e a semiótica, pode ser bem mais explorada se trabalhada no percurso gerativo de sentido, segundo Vasconcelos (2011).

2.3 O NÍVEL FUNDAMENTAL NAS BASES DA LÓGICA ARISTOTÉLICA

Como já foi explicado, este primeiro nível do percurso gerativo de sentido, pode ser representado em um quadrado lógico-semiótico. Para tanto, Greimas (1973) trabalha com base na lógica aristotélica, posteriormente denominada de lógica formal, e disposta no *Órganon* (ARISTÓTELES, 2016), com o intuito de estabelecer princípios para uma argumentação lógica, ou seja, para a formação do pensar correto e a garantia de acesso à verdade. Tendo em vista tal objetivo, o filósofo criou o silogismo, modelo de raciocínio e pensamento perfeitos, composto de uma premissa maior e outra menor, e uma conclusão, baseadas no princípio da não contradição, em que algo não pode ser e não ser ao mesmo tempo (ARISTÓTELES [SÉC. IV a.C.], 2016). Assim, considerando que há relações de oposição entre os termos, numa figura geométrica, pode-se constituir uma estrutura quadrimensional opositiva deles, distribuindo as proposições afirmativas e negativas nos vértices da figura por meio das letras **A** e **I** (**A**f**I**rmativo) e **E** e **O** (**nE**gativ**O**), conforme se vê na figura abaixo:

Figura 1 – O quadrado de oposição



Fonte: Vasconcelos, 2011, p. 19.

Diante deste quadrado (que também pode ser estruturado em outras formas geométricas como o hexágono ou o octógono), nota-se que o desenvolvimento do correto pensar é estabelecido por uma rede de relações entre contrários e contraditórios. Adaptando-o na semiótica conforme Greimas (1973) instruiu, os contrários são “os termos que estão em relação de pressuposição recíproca” (FIORIN, 2014, p. 22), e os contraditórios são obtidos no momento em que se aplica “uma operação de negação a cada um dos contrários”. Desse modo, instaura-se a noção de que “[...] Para conhecer, é necessário primeiramente negar” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p.38-39). É sobre este fundamento que a semiótica textual se ergue, concebendo a significação como decorrente desta rede de relações opostas.

Já se sabe que a semiótica estabelece para cada nível do percurso gerativo, uma semântica e uma sintaxe. A respeito do nível fundamental, sua semântica é constituída de categorias em que há termos opostos, além disso, ela “[...] define-se por seu caráter abstrato, pelo fato de que corresponde – junto com a sintaxe fundamental – à instância *a quo* do percurso gerativo do discurso” (GREIMAS; COURTÉS, 2012, p. 436). No que tange à sintaxe fundamental, ela permitirá explicar as articulações da semântica movimentando as relações desta ao estabelecer as relações de negação e asserção entre os termos.

Assim, ao construir o percurso gerativo de sentido, no nível fundamental, o semiótico estabelece os termos que geram a significação e os coloca em oposição, para, axiologicamente, se transformarem em valores negativos ou positivos. A axiologia evita que estes valores sejam descritivos, pois, textos diferentes podem ter uma mesma categoria semântica de oposição (morte *versus* vida, por exemplo), mas com valores diferentes e produzindo discursos diferentes (FIORIN, 1999).

É desse modo, é gerada a noção de estrutura elementar da significação: “a presença de dois termos e da relação entre eles” (GREIMAS, 1973, p. 28), que podem ser representados de forma lógica no quadrado semiótico, por isso, se defende que o primeiro nível do percurso, o fundamental, é o ponto de partida da significação de qualquer discurso conforme se verá a seguir com a reportagem.

3 A CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO NA REPORTAGEM *ELE MEXEU COM TODAS*

Com o intuito de propor que a significação de todo e qualquer discurso, a partir do processo de percepção, é gerada por meio de oposições binárias, nas quais são investidos valores axiológicos, Greimas (1973, p. 42) explica que a comunicação, “[...] com efeito, reúne as condições de sua manifestação, pois é no ato de comunicação, no acontecimento-comunicação, que o significado encontra o significante”. É a partir desse contexto que os valores são instituídos aos lexemas, uma vez que não é o leitor, baseado em suas próprias ideologias, quem concede valores negativos ou positivos aos termos, mas é o “acontecimento-comunicação”, os fatores extralinguísticos, é tudo o que circunda a ação discursiva que pode estabelecer valores.

As marcas contextuais explícitas (ou não) podem ser analisadas por meio dos semas contextuais, isto é, “semas ou feixes sêmicos que são recorrentes na unidade considerada e em seu contexto; os semas contextuais fazem então parte da composição de um semema (que pode ser aproximado da ‘palavra em contexto’)” (GREIMAS; COURTÉS, 2012, p. 97). Para tanto, faz-se necessária uma análise externa do texto, porque somente a interna não é suficiente para determinar os valores que o discurso apresenta. Estes são determinados de forma axiológica no primeiro nível do percurso gerativo de significação. Diante disso, cabe trazer algumas informações contextuais a respeito do discurso a ser analisado.

A reportagem *Ele mexeu com todas* foi divulgada pela Revista Veja, em 12 de abril de 2017, relatando o assédio sofrido por Susllem Tonani, atualmente, ex-figurinista da Rede Globo. Ela relatou ter sido assediada por José Mayer, ator global, durante meses, no Projac, o local de trabalho de ambos. Mas sua primeira denúncia pública foi em 31 de março de 2017, por meio de uma carta para o blog *Agora é que são elas*, do Jornal Online *Folha São Paulo*.

Por se tratar de pessoas famosas, mais especificamente, de Mayer, ator famoso com numerosos papéis de galã, a notícia logo repercutiu, desencadeando um manifesto em apoio

chamado *Mexeu com uma. Mexeu com todas.*, organizado pelas atrizes da mesma emissora e, depois, apoiado por internautas.

Para prosseguir na análise, cabe tratar brevemente do contexto sócio-histórico de ascensão da revista até os dias atuais para que se possa compreender melhor seu percurso histórico-ideológico. Segundo Velasquez e Kushnir (2009), a *Veja* surgiu em setembro de 1968 sob a direção de Mino Carta, no contexto da Ditadura Militar no Brasil, e foi alvo de perseguições por conta da censura da época, principalmente depois do Ato Institucional nº 5 (AI-5), a fase de maior fechamento do regime. Neste período, a intenção da revista, na perspectiva das pesquisadoras, era justamente de se aproveitar da polarização política, elegendo como capa, em um fundo vermelho, o símbolo da foice e do martelo, com título: “O grande duelo no mundo comunista” (VELASQUEZ; KUSHNIR, 2009, p. 35) para vender muito. Mas, com os cortes, as censuras, as apreensões nas bancas, a *Veja* decaiu e, por isso, mudou sua posição crítica com o intuito de melhorar a sua circulação e consolidar seu público alvo.

De acordo com a pesquisa de Marques e Zattoni (2014), intitulada *Feminismo e resistência: 1975 – o centro da mulher brasileira e a revista Veja*, apesar de, já em 1975, os termos “feminismo” e “feministas” aparecerem em treze de 52 edições, a revista sempre os apresentava de forma estereotipada e preconceituosa, “deixando evidente a resistência às mulheres que levantavam bandeiras contra o predomínio machista nas relações sociais e de poder.” (MARQUES; ZATTONI, 2014, p. 69).

Esta forma de abordar os temas sociais é explicada por Pádua (2013). O jornalista afirma que na década de 90, após a editora Abril pedir um empréstimo de 50 milhões de dólares ao governo federal, a *Veja* passou a se posicionar favoravelmente ao sistema dominante de forma ainda mais explícita, justamente por conta da “[...] lógica da realização e expansão constante dos lucros.” (PÁDUA, 2013, p. 6). Assim, o seu perfil passa a ser delineado totalmente voltado para a elite conservadora, portanto, às classes sociais A e B, baseada em princípios liberais como, por exemplo, a livre iniciativa (PÁDUA, 2013). Segundo um documento que a própria editora Abril divulgou em 2017, 54% do público da *Veja* é constituído por mulheres, 46%, de homens, e 58% dos seus leitores são da classe AB

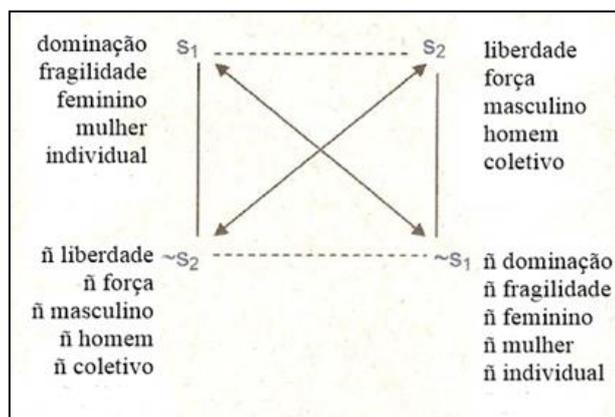
(ABRIL, 2017). Nota-se, então, que o público feminino ainda se acentua dentre os leitores da revista, um fator que favorece a aceitabilidade do tema.

Assim, para construir a imagem de um jornalismo a favor das minorias, a reportagem não só noticia o que ocorreu com a ex-figurinista, como também traz informações sobre as estatísticas de assédio no Brasil; acerca do artigo 216 do Código Penal, sobre o assédio e a pena de até dois anos de cadeia. Por fim, o texto é concluído com a reiteração de que “o primeiro ‘não’ de uma mulher significa o seguinte: ‘Não!’” (VEJA, 2017, p. 81), e da necessidade de mudança urgente, ainda que seja difícil, pois muitos executivos da própria Rede Globo defendem que:

“É preciso entender que o relacionamento que se tem dentro do estúdio é livre”. Outro disse: “Se tivesse mais experiência, a moça cortaria as cantadas”. Um terceiro disse: “Ser galanteador é normal na profissão” (VEJA, 2017, p. 81).

Retomando a forma como a semiótica concebe o texto e a significação, é válido esclarecer que esta nasce da relação entre os dois planos: de conteúdo e de expressão (BARROS, 2001). No plano de conteúdo da reportagem da Veja, há as informações linguísticas acerca do assédio e do contexto histórico e social no qual ele ocorre; já no plano de expressão, têm-se os recursos estilísticos próprios do gênero discursivo reportagem, linguagem formal, mas acessível, escolha de argumentos e estatísticas para validar as ideias, de não só informativo, mas opinativo, utilização de discurso direto e indireto. Diante de todo este contexto, é possível perceber, na reportagem em questão, uma categoria semântica fundamental: dominação *vs.* liberdade. Em alguns trechos (dentre outros) do texto, esta oposição semântica geradora de toda a significação aparece de forma mais explícita. Sobre a dominação: “Ela conta como foi constrangida, insultada, apalpada pelo ator [...]” (VEJA, 2017, p. 74). E sobre a liberdade: “Pois foi vencendo o medo que a figurinista Susllem Tonani, de 28 anos, que trabalhara na Rede Globo, divulgou em um blog o assédio insistente do galã José Mayer, 67 anos [...]” (VEJA, 2017, p. 74). A partir dessa categoria semântica, outras composições elementares se unem para gerar sentidos maiores como fragilidade *vs.* força, feminino *vs.* masculino, mulher *vs.* homem, individual *vs.* coletivo, os quais podem ser representados no quadrado de oposição:

Figura 3 – Oposição de valores



Fonte: Elaborada pela autora.

Os termos que estão se contrapondo, ou seja, os contrários “dominação” e “liberdade” são os termos primitivos de um mesmo eixo semântico que, de acordo com Barros (2001), compõem a estrutura elementar da significação. Os outros termos que constituem os vértices do quadrado estão ligados à desigualdade que se construiu histórica e socialmente entre homem e mulher. Assim, concernente à oposição fragilidade vs. força, pode-se percebê-las nos trechos abaixo:

A **corajosa** denúncia da figurinista da Globo contra o galã José Mayer desencadeia uma onda de **indignação** e ilumina um crime que vive na sombra da **vergonha** e do **medo**. (VEJA, 2017, p. 74, grifo nosso).

Eu ainda veria esse dia! Dia em que nós mulheres não teríamos **medo de denunciar**. Quem nunca foi assediada? [...] (VEJA, 2017, p. 81).

Nos grifos em negrito a oposição fragilidade vs. força torna-se ainda mais acentuada, pois se tem a fragilidade representada pelo medo e a vergonha de denunciar, uma vez que o assédio não é denunciado porque a mulher se culpa ou é considerada culpada por tal violação, muito embora tal prática já seja contemplada na legislação como um crime. A ideia histórico-cultural de que o homem tem poder sobre o corpo da mulher, faz esta pensar que as roupas, o horário, o lugar, tudo se torna pretexto para que o homem se sinta no direito de exercer

poder, de dominar, de “constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico” (BRASIL, 2001), conforme está disposto no Art. 216-A, da Lei nº 10.224 de 15 de maio de 2001, do Código Penal Brasileiro (Decreto-lei nº 2.848, de 07 de novembro de 1940). A força não diz respeito à força física, mas ao poder que a mulher deve exercer sobre seu próprio corpo, perante a lei, diante de toda a sociedade; se refere ao vencimento do medo de ser julgada e desacreditada e da vergonha de ter sido vítima de um crime sexual.

Concernente às oposições feminino *vs.* masculino e mulher *vs.* homem, estas se encontram no texto em análise e fazem parte de problematizações ocorridas desde 1960, com o feminismo, que se questionava sobre as relações de poder entre homem e mulher. O sexo passa a ser um conceito diferente de gênero, pois, enquanto aquele diz respeito ao que demarca fisiologicamente o que vem a ser macho e fêmea, este se refere muito mais à complexidade humana, à identidade de cada um. O gênero não é determinado pelo sexo, mas pelo que a sociedade e a própria pessoa constrói, assim como Simone de Beauvoir (1967, p. 9) defende: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.” Ainda nos dias atuais, em alguns contextos, a mulher é concebida como inferior ao homem, objeto dele, como se vê nos trechos de depoimentos de outras mulheres usados na reportagem para validar a relação que existe entre poder, assédio e machismo:

Eu tinha 26 anos quando sofri um acidente de carro, meses depois de ter ficado paraplégica, em outra batida de automóvel. [...] Em determinado momento, o paramédico se levantou e perguntou se podia me examinar. Puxou meu cobertor, deixando minhas pernas à mostra, e começou a me tocar, subindo a mão até tocar minha calcinha. Eu era um alvo frágil, estava muito debilitada [...] (VEJA, 2017, p. 77).

Eu estava no início da carreira quando o empresário entrou no meu camarim, disse umas coisas e colocou o pênis para fora. (VEJA, 2017, p. 78)

Observa-se que a mulher é tratada pelo homem sob a ótica de uma construção social que, tradicionalmente, se difundiu: de mulher vulnerável, frágil, objeto sexual, dominada, inferior. Ainda acerca desta oposição, nota-se a mulher como manipuladora, como se lê em:

Na primeira vez que tentei trabalhar na televisão, não consegui passar no teste. Quando o diretor me disse que eu não era boa, perguntei se ele poderia me dar umas dicas para melhorar. **Ele me ajudou, mas eu não percebi que pretendia algo em troca. Ao receber minha negativa, respondeu que eu era manipuladora.** Isso é muito comum em vários meios de imprensa – na França, no Brasil, em todo o mundo” (VEJA, 2017, p. 79).

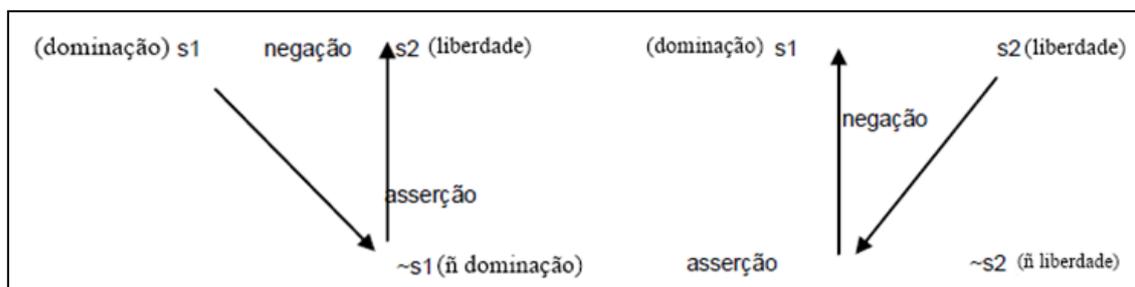
Ainda há mais uma categoria de oposição: individual vs. coletivo. A reportagem cria um percurso para informar, interpretar e opinar sobre o assédio de José Mayer. Inicia-se trazendo diversos relatos de vários tipos de abuso verbal ou físico, mesmo aqueles não se configuram exatamente como um assédio com o intuito de validar a ideia de que a mulher, mesmo atualmente, após tantas lutas por igualdade, ainda sofre por conta do machismo, ainda não é livre. Nota-se que a causa de Suslem Tonani toma uma proporção muito maior, sai do individual para o coletivo, a denúncia pública da ex-figurinista, assim como a forma como o próprio texto é construído, influência um processo de identificação de outras mulheres que já passaram pela mesma situação:

A denúncia produziu uma crescente indignação e fez nascer a campanha “Mexeu com uma, mexeu com todas”, iniciativa das mulheres que trabalham no Porjac, onde ficam os estúdios da Globo. (VEJA, 2017, p. 74)

As colegas de Su entraram em pé de guerra e, em pouco tempo, atrizes e diretoras aderiram à causa. (VEJA, 2017, p.76).

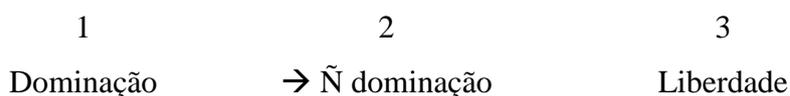
Ao realizar a operação de negação sobre os termos opostos, projetam-se os contraditórios de cada um: “ñ dominação” e “ñ liberdade”. Já a operação de asserção faz aparecer os termos primitivos afirmativos “dominação” e “liberdade”.

Figura 4 - Operações de negação e asserção



Fonte: Elaborada pela autora.

Desse modo, nega-se a /dominação/ para afirmar a /liberdade/, conforme se vê nos seguintes percursos:



Estas categorias fundamentais, no texto, são determinadas como positivas ou eufóricas e negativas ou disfóricas, mas podem mudar de acordo com o ponto de vista de cada sujeito. Representada por vencer o medo e a vergonha de denunciar abusos, por poder ir e vir sem riscos de que outra pessoa exerça domínio sobre seu corpo, o termo “liberdade” é eufórico e positivo, na perspectiva de Susllem Tonani. Já a “dominação” ganha um valor negativo e disfórico por representar o assédio, o poder de alguém (superior ou não) sobre o corpo de outra pessoa (subalterna ou não), o machismo e toda construção social opressiva sobre a mulher. Assim, a reportagem se configura como um texto eufórico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a reportagem da revista *Veja* a partir da semiótica greimasiana permitiu não só compreender a estrutura do texto enquanto objeto de significação e de comunicação, mas também fazer um percurso teórico, ainda que de forma breve, acerca da base teórico-epistemológica da semiótica textual e um recorte do contexto histórico das produções iniciais da revista e de conceitos que permeiam a reportagem em questão como gênero e sexo.

Verificou-se que a categoria semântica da estrutura elementar do discurso consiste em dominação vs. liberdade, conforme se pôde ver em alguns trechos do texto. A partir desta, outras oposições do mesmo eixo semântico foram determinadas e puderam ampliar a significação: fragilidade vs. força, feminino vs. masculino, mulher vs. homem, individual vs. coletivo. Por meio das operações de negação e asserção, o discurso criou um percurso de negação da dominação, de valor negativo e disfórico, representando o estado de sujeição sob a qual Suslem Tonani é submetida por ela mesma (devido ao medo, a vergonha e o sentimento de culpa), por consequência do regimento histórico-social; e uma afirmação da liberdade, sema com valor positivo, portanto, eufórico. Pontua-se também que a categoria semântica dominação vs. liberdade torna explícito o objetivo da revista de mostrar um posicionamento favorável a causas sociais como essa, tendo em vista todo o percurso histórico-ideológico que faz parte da história da revista.

REFERÊNCIAS

ABRIL. *Veja Mídia Kit 2017*. 2017. Disponível em: <http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja> Acesso em: 16 jan. 2018.

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola, 2004.

ARISTÓTELES [séc. IV a.C.]. *Órganon*. Tradução Edson Bini. 3 ed. São Paulo: Edipro, 2016.

AUROUX, Sylvain. *Filosofia da linguagem*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2009.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso: fundamentos Semióticos*. São Paulo: Atual, 2001.

_____. *Teoria Semiótica do Texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BATISTA, Maria de Fátima B. de M. *A Semiótica: caminhar histórico e perspectivas atuais*. Revista de Letras, n. 25, v. 1/2, jan/dez. 2003.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. A experiência vivida Vol. 2. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BUSTAMANTE, Luisa; CUMINALE, Natalia; LEITÃO, Leslie; MARTHE, Marcelo. Ele mexeu com todas. *Revista Veja*, Editora Abril, edição 2525, ano 50, n. 15, 12 abr 2017.

FIORIN, José Luiz. *Elementos da Análise do Discurso*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
_____. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. *Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva*. Universidade de São Paulo: Delta, v.15, n. 1, feb./july 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100009
Acesso em: 16 mar 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. *André Petry vira diretor de Redação da revista “Veja”*. São Paulo, 25 fev. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/02/1743100-ex-aprendiz-andre-petry-vira-diretor-de-redacao-da-revista-veja.shtml> Acesso em: 15 jan. 2018.

GREIMAS, Algirdas Julius. *Semântica Estrutural*. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973.

GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2012.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

G1. *Globo suspende José Mayer; atrizes fazem protesto contra assédio*. 04 abr. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/globo-suspende-jose-mayer-atrizes-fazem-protesto-contr-assedio.ghtml> Acesso em: 20 jan. 2018.

HÉNAULT, Anne. *História concisa da semiótica*. Tradução de Marcos Macionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

HERNANDES, Nilton. Análise de publicidade da revista *Veja*. *Cadernos de Semiótica Aplicada*. Vol. 1, n. 2, dez. 2003.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução de J. Teixeira Coelho Netto. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HORN, Christoph. Agostinho – teoria lingüística dos sinais. *Veritas*: Porto Alegre, v. 51, n. 1, mar. 2006, p. 5-17. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/1879> Acesso em: 24 nov. 2017.

MARQUES, Ana Maria; ZATTONI, Andrea Marcia. Feminismo e resistência: 1975 – o centro da mulher brasileira e a revista *Veja*. *História Revista*, Universidade Federal de Goiás, v. 19, n. 2, 2014, p. 55-76. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/31223> Acesso em: 15 jan. 2018.

MARTINS, Helena. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*, volume 3. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 439-474.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec, 1999.

OLIVEIRA, Ana Claudia de; LANDOWSKI, Eric (orgs.). *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: EDUC, 1995.

OLIVER, Camila. *Chico Buarque: o tempo, os temas e as figuras*. Curitiba: Appris, 2013.

PÁDUA, Gesner Duarte. A revista *Veja* e o processo de redemocratização do Brasil: uma perspectiva histórica. *Encontro Nacional de História da Mídia*. UFOP, Ouro Preto-MG. 2013, p. 1-14. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/90-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-revista-veja-e-o-processo-de-redemocratizacao-do-brasil-uma-perspectiva-historica> Acesso em: 15 jan 2018.

BRASIL. *Lei No 10.224, de 15 de maio de 2001*. 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10224.htm Acesso em 18 jan. 2018.

PLATÃO. *A República*. 6 ed. Ed. Atena, 1956, p. 287-291.

RECTOR, Monica. *Para ler Greimas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é Semiótica?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

VASCONCELOS, Suani de Almeida. *Caminhando com o povo: discurso político e ideologia nas malhas da semiótica greimasiana*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8549/1/Suani%20de%20Almeida%20Vasconcelos.pdf> Acesso em: 11 abr 2017.

Littera Online

n.17, 2018

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

VELASQUEZ, Muza Clara Chaves; KUSHNIR, Beatriz. *Veja*. FGV-CPDOC, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/veja>. Acesso em: 15 jan 2018.